

Histórias de doentes

A agonia hospitalar de Tancredo Neves, narrada aos nossos olhos e ouvidos com a fentidão própria dos grandes sofrimentos, coloca ao vivo uma interrogação ainda maior: em que dimensões da existência humana, num mundo que vende a confiança na medicina, se projeta a condição de quem está internado num hospital, sem saber a gravidade da moléstia, sem ter certeza de cura, da morte, ou do dia e modo de sair? Essa detenção no corpo da dor não é tão restrita quanto parece aos que cultuam a sutileza dos males d'alma. Pelo contrário, por suas bandagens passa o sangue que esoorre de muitas feridas páquicas e sociais. As inconsciências forçadas, a situação de paciente, com o desejo de participar na determinação dos acontecimentos, a revolta diante de certos atos de poder ditos "curativos", mas que parecem antes de tudo prejudiciais, a percepção duma existência frágil e sozinha, constituem alguns pontos de ligação da vida hospitalar com a outra, vivida nos bares e lares saudados. Só que, no hospital, o doente, mesmo contra sua vontade, experimenta às claras essas dores, disfarçadas pelos anghos cotidianos da saúde.

Quando o hospital se faz mundo, narrado de forma mais profunda que a da notícia, podemos ler tal violência na perspectiva do sujeito que a sofre. É o que se dá em *A lâmina do espelho*, romance de Ronaldo Lima Lins. Quase se dá também em *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Mas, de modo algum se dá em *Coma*, "best-seller" americano de Robin Cook que faz o paciente descerebrado desde o início, para desenvolver uma trama policial que divide os médicos entre heróis e bandidos, nas esferas do capitalismo mafioso multinacional, comprador de órgãos para transplante. Neste caso, o paciente, calado, está em coma. Em melhores condições estão as personagens centrais das duas narrativas brasileiras: elas pensam, falam, escrevem suas enfermidades.

Por que se contam histórias de doentes? Ao contrário das histórias que envolvem opressões sociais, onde narrar significa tentar mudar o mundo, reduzindo o sofrimento dos oprimidos, a história de um doente não pode pretender salvá-lo. No caso dos loucos ou dos enfermos pobres, pode-se deslocar os males psíquicos e físicos para o campo social, mas, no caso dos doentes internados e cuidados, nada há que fazer fora do hospital. No máximo se transfere o doente para o Instituto do Coração; mas a narrativa não pode forçar uma alta. Talvez por isso ela entre no hospital e fique à beira da carne do doente, ou, melhor ainda, dentro dele. As histórias de doentes não podem limitar-se à condição externa das visitas, que lamentam ou consolam.

Há uma função mimética ímper nas histórias narradas por doentes: assim é dado a eles um poder vicário, o poder de serem donos das suas histórias, ficcionais ou não. Pois para enfermeiros, médicos e parentes, o paciente é o objeto das atenções, mas na narrativa o doente-narrador se faz sujeito. Trata-se de um privilégio compensatório. Nessa situação, lucra também o autor: faz-se mais envolvente ao tornar narrador o que sofre, pois a este os leitores perdoam quase tudo, e facilmente com ele se identificam, já que o sabem um sujeito simbólico, do qual não vão pegar as doenças, por mais perto que cheguem ao ler.

Parecem, então, mais adequados aos doentes os relatos em eu, como o de *Feliz ano velho*. Todavia, *A lâmina do espelho* é um romance em terceira pessoa, já que "o professor" não assume as presunções de um eu narrador. Trata-se de uma narração focalizada a partir da personagem, num ponto-de-vista centrado e subjetivo. Só falta

mesmo ao professor assumir o discurso. A terceira pessoa patente é uma primeira pessoa latente, diria Óscar Tacco.

Mas, pelo menos neste caso, a história não seria a mesma, se narrada em primeira pessoa. Colocando-se como mais uma personagem, sem destaques gramaticais, o professor tenta aproximar-se do outro, incluindo o interno, cuja compreensão norteia a escrita do romance. Enquanto a matéria narrativa se diz, em parte, paciente, sem controle dos acontecimentos, e, em parte, consciência e ação criadora dos sentidos que se vão concatenando para formar a vida. Sem interlocutor não existe eu lingüístico. Falando para si mesmo, o professor se parte em sujeito e objeto da linguagem, de modo adequado às suas questões essenciais: a identidade, a vida e a morte.

Outra é a situação de *Feliz ano velho*. O périplo do Marcelo paraplégico visa ao encontro de si mesmo, como o sujeito que era: jovem, confiante, potente, bonito. A fissura entre presente e passado deve ser costurada pelo relato, que narra a doença em nome da esperança. Marcelo fala para os jovens que são como ele foi, e fala para dizer-lhes que o sofrimento pode surpreendê-los, e por isso tem de ser entendido numa perspectiva mais humanista do que aquela que a curtição permitira. Um rapaz lindo e inteligente, que curtia muito a política estudantil, o rock, as gatinhas, bateu a cabeça no fundo do poço ao mergulhar, e ficou-se perguntando: por que eu? Essa é a grande questão insolúvel de *Feliz ano velho*. O resto, menos a ditadura, que some com os peizinhos queridos, dá pra curtir.

Aliás, um aspecto delicado das histórias de doentes é o da culpa. A quem atribuir a responsabilidade pela perda da saúde? Só aos atos mais insensíveis ocorreria a idéia de que o próprio doente atraiu a si os males, com suas predisposições psíquicas. Determinismos facilitam as explicações, e assim apaziguam as angústias diante da casualidade e de outros processos incertos. Por isso, geralmente se atribui a Deus a responsabilidade total pelas leucemias, paralisias, lepras ou derrames cerebrais. Mas como Deus é forçosamente inocente, pois escreve certo por linhas tortas, não pode ser o bandido da história. Os médicos, ocupando o lugar da classe dominante, se cometem enganos, são fortes candidatos a vilões, mas, se se mostram amigos e competentes, saíam-se do papel. Alguns enfermeiros e fisioterapeutas geralmente os substituem então. As hesitações com respeito à vilania perpassam *Feliz ano velho* e *A lâmina do espelho*, que acabam, através das digressões das personagens, apontando vicariamente um responsável por males sociais: a ditadura militar brasileira.

Mais forte que a política se faz a questão da sexualidade nos dois relatos. Entretanto, neste ponto se marca novamente a diferença. Tanto Marcelo quanto o professor recebem belas visitas, e expõem sua excitação. Ambos, de um modo ou outro, nos mostram que a relação sexual constitui um interdito hospitalar, como se a humanidade desse assumir a situação de um parante, proibido ao desejo. O professor se ressentia disso como uma das questões existenciais que o ocupam. Mas, para Marcelo, o sexo se torna uma obsessiva e declarada preocupação. Lembra-se repetidamente de transas passadas, fala a toda hora de suas ereções no hospital, e termina a narrativa contando sua primeira trépada após o acidente. É como se quisesse, acima de tudo, provar a si e a seus leitores que ficou paraplético, mas não impotente.

Sem dúvida, é importante o papel social de *Feliz ano velho* no sentido de afirmar a sexualidade dos paraplégicos, visto que a maioria das pessoas tende a julgá-los assexuados. Mas, associando o desejo estritamente à ereção, Marcelo se restringe a um modelo fálico, com suas limitações culturais, especialmente a do machismo. Como este se traduz pelo constante discurso de auto-afirmação da potência, o narrador fecha sua história na estreita ocupação narcísica. Se, por um lado, isso se justifica pela necessidade de compensar o abalo sofrido, por outro lado despreza as possibilidades da arte de narrar como liberação de discursos heteromorfos e heterodoxos, que exige uma distribuição mais democrática dos poderes enunciativos do autor. Sem dar lugar a outros sujeitos, Marcelo se centra na verdade vivida, recusando o pacto ficcional mais amplo.

Entretanto, essas restrições nos fazem indagar: por que esse relato autobiográfico, tão preocupado com a afirmação de imagem do autor-vítima, atinge tanto a tantos leitores brasileiros? O fenômeno *Feliz ano velho* ultrapassou as expectativas de produção milionária da Brasiliense. Faz-se a divulgação boca a boca, e as leituras por empréstimo se equiparam às leituras por compra, já suficientemente numerosas para merecer uma análise imbuída de seriedade crítica.

Há muitos e muitos leitores desacostumados das labutas literárias, mas desejosos de histórias ao seu alcance. Essas histórias devem permitir uma identificação do leitor no plano emocional e lingüístico. E é tolice afirmar que leitores iletrados fogem de problemas: eles querem é uma lição de otimismo qualquer, pois isso lhes prega a perspectiva cultural dominante. Querem sair da história com a sensação de que apesar de tudo a vida vale a pena, as delícias suplantam os horrores. Certa literatura vai além, não por desconfiar da vida, mas por indagar a validade dessas posturas afirmativas fáceis. Se isso não a faz maior, a faz mais difícil no contexto da indústria hedonista.

Feliz ano velho consegue algo aparentemente impossível: atender a todas as expectativas da ideologia do otimismo, contando a história de um doente na cama. A doença está lá, no corpo paralisado, nos tratamentos dolorosos, na ausência da cura. Mas a cama vira o lugar do prazer: nela se dão as ereções e as muitas lembranças gostosas. Pela mente do acamado passa o rock, as festas quentes, as aprontações, os amores. Tudo numa linguagem coloquial, descontraída, jovem. A narrativa de Marcelo tem o sentido do reencontro com o mundo saudável. Suas digressões são breves, permeadas de humor, e o relato flui com rapidez e muita ação. O narrador ficou paraplético, mas continua inequivocamente charmoso e cheio de vida. No hospital lá Gabeira e A folha, gosta do pessoal do PT, e é filho de um importante desaparecido da ditadura. Ante qualquer desgraça, que fique a juventude, o calor da vida, a esperança: esta é a mensagem maior e agradável para as multidões que deixa *Feliz ano velho*.

Já *A lâmina do espelho* é uma narrativa que assusta desde a primeira página. Não é descrita a origem dos males, a ida para o hospital, os incícios. Na primeira linha o professor fecha os olhos para tentar escapar à voz histérica do médico, que grita exigindo obediência. Numa enfermaria, junto com os piores doentes, o narrador se põe às voltas com um mundo inevitável, e nos força a uma convivência com a morte, misturada a cada dia com a vida, como tudo se mistura nos paradoxos humanos. A narrativa exige um leitor amadurecido, capaz de interessar-se pelas mais dolorosas questões, suportando a ausência de alívios. A história se faz pesada e lenta como a própria vida no hospital, ou em certos mundos. O professor caminha sem rumo com suas angústias, e no papel em branco suas palavras sangram. Caminha, termina curado, mas, como? O final nos faz voltar ao começo, o discurso é o das feridas. Esse tipo de história de doente se faz para poucos leitores, exatamente por questionar as certezas e as afirmações culturalmente referendadas.

Em nome da esperança narrou o Dr. Pinotti, e toda a imprensa, a agonia de Tancredo Neves: não se deve dar ênfase aos sofrimentos sem remédio. Faltou o "happy-end", mas ratificou-se uma vez mais essa posição cultural que tem evitado grandes e perigosas indignações populares. A consciência permaneceu como privilégio de poucos. E poucos são também os que podem desenvolvê-la com o instrumental estético. Vimos, pela leitura comparativa de *Feliz ano velho* e *A lâmina do espelho*, que só a uma minoria cabe a postura de enfrentar na ficção as dores maiores, enquanto a maioria, com suas carências, prefere o consolo maior, fantasiado de realidade.

LINS, Ronaldo Lima. *A lâmina do espelho*. Rio de Janeiro, F. Alves, Brasília, INL, 1983.
PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

Maria das Graças Rodrigues Paulino

A Guerra dos Farrapos

Na avalanche ufanista das comemorações do Sesquicentário da Revolução Farrapilha não poderia faltar a publicação de um romance que tivesse como tema os episódios de 1835-45 no Estado.

Em geral, o romance histórico, dito epocal, tem um defeito grave: não convence como obra de arte. E se ao final da leitura de qualquer texto de ficção, como o queria o incrível Holden, de *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger, não tivermos vontade de telefonar ao autor é porque há alguma coisa errada com o livro.

No caso de *A guerra dos farrapos*, de Alcy Cheuiche, o problema parece estar na repetição de episódios por demais conhecidos e na ausência de personagens autênticos, não reais, que desta o livro está cheio, mas de personagens de ficção, além da falta de uma trama propriamente dita que amarrasse as pontas da narrativa. Não basta uma história real. É preciso torná-la ficcionalmente real, convincente.

O primeiro capítulo do livro tem, na minha opinião, um personagem verdadeiro; os restantes são marionetes. E a proposta do livro, já que se trata de romancer a História, era a de tornar David Canabarro, Bento Gonçalves e outros, seres vivos, não estampas de manuais escolares.

Se é que o escritor tem alguma função na sociedade em que vive, seria a de revelar a face oculta da História e jamais a de aumentar o museu de cera dos falsos heróis, nem fazer o elogio das elites. Balzac é um bom exemplo. Margulhou como ninguém nas contradições da burguesia francesa, expôs-lhe as feridas, mas nem por isso deixou de participar dos saras e concertos.

CHEUICHE, Alcy. *A guerra dos farrapos*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

Charles Kiefer

O caso do martelo

O grande movimento editorial brasileiro nos últimos cinco anos tem revelado novos talentos das mais diferentes regiões. Chegou a hora e a vez dos remanescentes da colônia italiana de Caxias do Sul entrarem na dança.

O caso do martelo, de José Clemente Pozenato, revela um escritor maduro, que não teme o policial, considerado por alguns um gênero menor, mas faz dele o seu instrumento para apanhar uma pequena comunidade rural, Santa Juliana, em seu movimento rumo ao capitalismo, ao consumo e ao crime.

Nesta novela singular, de arcabouço simples, linear e de estilo despreocupado, emergem personagens bem construídos, verossímeis, que tresandam mosto, radice e queijo, e o que é bem mais importante: realizam-se como seres ficcionais.

Sem crime, é evidente, não há ficção policial. Mas se pode dizer que o crime, em *O caso do martelo*, não passa de elemento circunstancial, motivo deflagrador da verdadeira história que o narrador deseja contar. O delegado Pasúbio não tem a perspicácia de Poirot, o dedutivismo de Holmes, sequer sonha com a erudição do frade-detetive criado por Umberto Eco, mas tem as suas balas de alcaçuz e o amor às raízes culturais, e com elementos tão precários, sem cachimbo e lupa, vai descobrindo as razões daquela gente humilde, seus contemporâneos, e as profundas transformações de que são vítimas num

estado que passou, em menos de trinta anos, da agricultura de subsistência (na região colonial) a grande produtor mundial. Mas os pés que esmagavam a uva e usavam tamanco são os mesmos que hoje pisam os aceleradores de potentes automóveis ou vagam, descalços, sem rumo em busca de terra, e como no princípio, no tombadilho dos navios, sonham com um futuro melhor, porque a essência do homem não muda.

POZENATO, José Clemente. *O caso do martelo*.

Charles Kiefer

Poesia brasileira

Gilberto Mendonça Teles acaba de publicar em Portugal o livro *Estudos de poesia brasileira*, que pretende ser uma antologia de textos críticos, alguns já divulgados em livros, jornais e revistas nacionais e estrangeiras, conforme aparece nos respectivos rodapés.

O livro está dividido em três partes pelas epígrafes tomadas a Homero: A VASTA PLANÍCIE, tira o seu título do III Canto da *Ilíada* (A "Ticoscopia"; a segunda parte — A BRECHA INÚTIL, tem a ver com a descrição da "Ticomaqueia" (canto XII); a terceira parte — O CAVALO DE PAU — onde, como poeta é crítico, apresenta algumas entrevistas sobre poesia, refere-se à narrativa de Demódoco, no canto VIII da *Odisseia*.

Entre os grandes assuntos tratados no presente livro posso destacar: Alguns problemas de teoria literária; O processo da modernidade; Experimentação na poesia; A literatura ternária na poética de Gonçalves Dias; A Bandeira de Bandeira; O sentido das formas em Jorge de Lima; A poesia de Murilo Araújo; A transformação na poesia de Drummond; A enunciação poética de Mario Quintana; A indecisão semiológica de Lúcio; O código do código: a estela de Stella; A poesia de Antônio Fantinato; Uma nova dicção de tradição; O "significado existencial"; As duas vozes do poeta; Trechos de entrevistas sobre Poesia, Poesia e Crítica.

Como se vê, o elenco extenso dos títulos dos trabalhos nos mostra o universo abrangido pelo crítico e estudioso Gilberto Mendonça Teles neste seu livro. É uma visão tranqüila e serena de alguns pontos altos da poesia no Brasil, principalmente do período da Modernidade.

TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos de poesia brasileira*. Coimbra, Almedina, 1985.

Ir. Elvo Clemente

Tição de aroeira

Evlácio Barbosa Saldanha vai abrindo novo espaço para a poesia gaúcha entre nós. Herdeiro em grande parte, da verve e da técnica do maior poeta pelotense: Francisco Lobo da Costa vem palmilhando o chão árduo, agreste e florido da poesia. Dedicou o livro aos heróis farrapilhas no sesquicentário dessa Revolução que deixou largos traços entre nós. O primeiro poema, "Pelotas" canta as glórias e as pessoas que deram brilho à Princesa do Sul. "Monte Bonito" é um poema cheio de lirismo e saudade do berço natal que começa e termina com a quadra:

Levanto a cortina de um tempo dourado,
Encontro o silêncio que em tudo ficou
E grito, sozinho, perdido e cansado,
O eco responde: o tempo passou!...

Auras do sul, saúda com alvoroço e alegria a nova edição de Francisco Lobo da Costa, reeditada por Martins Livrelro:

Lobo da Costa — o poeta,
No seu verso que enobrece,
"AURAS DO SUL" enaltece
Numa mensagem seleta,
que a velha guarda interpreta
Com saudade e emoção,
Num preito de gratidão
Ao talento que não finda,
Quando um editor Nos brinda
Trazendo nova edição!

Com entusiasmo vibra perante a figura que se agiganta de Bento Gonçalves, o herói farroupilha por entonomásia:

General — alma e essência
deste pampa verdejante,
tua espada flamejante
a serviço da Querência,
foi marco, foi resistência,
mas nunca foi ameaça;
o teu exemplo não passa
nem se perde no porvir,
pois jamais hão de assistir
os funerais desta raça!

Os poemas de **Tiço de aroeira** reproduzem os anseios, as alegrias, as tristezas, os triunfos desta gente ao pampa e da terra brasileira, onde falam a alma e o coração da gente do povo.

SALDANHA, Evilácio. Tiço de aroeira. Porto Alegre, ed. do autor, 1985.

Ir. Elvo Clemente